



# NOSSA CLASSE

Pela organização independente dos trabalhadores!  
Sob o programa da revolução proletária!

Boletim Sindical do Partido Operário Revolucionário  
Ano VII - Dezembro de 2011 e-mail: [nossa.classe@hotmail.com](mailto:nossa.classe@hotmail.com)

[www.pormassas.org](http://www.pormassas.org)

## Política Operária

### Responder com luta os efeitos da crise econômica

Companheiros, o governo anunciou um conjunto de medidas de isenção de impostos para beneficiar setores industriais e da construção civil. Quer aprovar a DRU (desvinculação da Receita da União), o que permite retirar bilhões de reais dos serviços públicos. Baixou os juros para aumentar o consumo e o endividamento da população. Determinou que o valor do salário mínimo deve ser de R\$ 622,73, um mísero reajuste de R\$ 77 reais. E planeja a elevação da contribuição previdenciária dos servidores federais. Portanto, um plano de proteção aos capitalistas e penalização aos trabalhadores.

Os capitalistas dizem que a produção industrial está caindo devido à queda das exportações. Exigem mais subsídios do governo, entre eles a diminuição dos juros.

Como se vê, o governo e os patrões estão se preparando para a crise. Sabem que o Brasil não ficará à margem da recessão que vem golpeando a Europa e os Estados Unidos.

A classe operária se encontra desorganizada. As manifestações em torno do rebaiamento dos juros são para proteger os interesses dos capitalistas. Não dizem respeito à defesa do emprego e de um salário mínimo vital, necessário para manter uma família de 4 pessoas.

*Companheiros, é hora de organizar a nossa resistência diante da crise. É hora de erguer nossas reivindicações. Não podemos permitir que governo e patrões imponham mais sacrifícios.*

## Sinais da crise: fechamento da Magneti Marelli

Os patrões da fábrica Magneti, no ABC, anunciaram que fecharão as portas nesse final de ano. Justificam que houve queda nas exportações. Trata-se de uma medida de proteção dos capitalistas diante da queda dos lucros. Quando seus negócios são atingidos, os patrões demitem, cortam salários, aumentam a exploração do trabalho e até fecham as empresas. Portanto, descarregam a crise sobre os ombros da classe operária.

A direção do sindicato metalúrgico reclamou da atitude dos empresários. E reivindica um "pacote de benefícios" para os demitidos. Disse que "foi atrás de compradores, que fez contato com a Petrobras, que falou com a matriz na Itália etc.", mas, lamentou que não teve acordo.

Diante do descontentamento geral na fábrica, os dirigentes sindicais convocaram assembleias, que aprovaram a paralisação da produção.

O que está ocorrendo na Magneti pode vir a ocorrer em várias fábricas, com os efeitos da crise econômica. A campanha em defesa do emprego tem de ser geral e não uma particularidade da Magneti. O "pacote de benefícios", como diz o ditado popular, é para inglês ver. Recebemos umas quinquilharias em troca da perda de nosso emprego.

*Não há outro caminho senão ocupar a fábrica e impor o controle operário da produção. A defesa do emprego passará pela redução da jornada, por meio da escala móvel das horas de trabalho (divisão das horas de trabalho entre todos os operários para que nenhum companheiro seja demitido). Em resposta ao fechamento da fábrica: ocupar e estabelecer o controle coletivo da produção.*

## Unidade dos explorados Nada de conciliação com os capitalistas

Vários companheiros são arrastados a defender os interesses dos capitalistas e do governo. Um deles é a questão dos juros. Os dirigentes sindicais são chamados pela patronal (Fiesp, CNI etc) para engrossar a pressão sobre o governo. Fazem manifestações, vão à Brasília, visitam os deputados etc., com intuito de preservar os negócios dos empresários. Justificam que, fazendo isso, estarão garantindo os empregos.

O governo, por sua vez, manobra em torno do aumento ou da redução de juros. Quando aumenta, favorece os investidores estrangeiros e mantém a inflação mais estável. Em compensação, crescem as dívidas do Estado. Quando faz a redução, espanta os especuladores e a inflação cresce. Agora, fez uma redução porque precisa manter o mercado interno crescendo, mas sabendo que a inflação pode subir. Como se vê, é um jogo da economia capitalista, por isso envolve a burguesia e os governos.

A classe operária tem suas reivindicações. Emblocar na campanha dos empresários é abandonar a reivindicação de emprego, aumento real de salário, redução da jornada de trabalho.

*Companheiros, a nossa aliança é entre os explorados. Nossos interesses são os da maioria da população. Nossa luta é coletiva e é contra os exploradores. Fazemos parte de uma classe social oposta aos patrões. Lutamos pela derrota dos capitalistas e pela vitória do proletariado.*

# Manifestação na Anchieta: nosso alerta

Os operários da Volks, Scania e Karmann-Ghia tomaram a rodovia Anchieta. As reivindicações eram de fim da cobrança de imposto de renda sobre o PLR e queda dos juros.

A reivindicação de queda dos juros é do interesse dos capitalistas. Não há nenhuma garantia que a queda dos ju-

ros significará mais empregos ou garantia para os que estão empregados. Se a crise apertar, os patrões vão demitir. O fim da cobrança do imposto de renda sobre o PLR não quer dizer melhores salários.

*Nossa reivindicação é que somente os capitalistas, donos dos meios de produção paguem impostos.*

## Uma lição importante

A força da classe operária está em seu número e no lugar que ocupa na produção. Esta foi a primeira lição aprendida pelos trabalhadores na sua árdua luta contra a burguesia. Ao paralisarem a produção, os operários puderam ver a força coletiva da classe. Basta que lembremos das lições aprendidas com as greves no ABC de 78/80, onde a grande força dos metalúrgicos pôde ser constatada em todo o país.

Mas, de lá para cá, essa força coletiva foi se fragmentando. Um dos fatos que contribuiu foi a separação da negociação dos metalúrgicos em vários grupos. As negociações em separado fizeram com que os grupos com menos força tivessem os piores acordos.

Vimos também, nesse percurso, a substituição da luta de classes pela política da conciliação de classes. Trata-se de um retrocesso no combate à exploração do trabalho. No sistema capitalista, a burguesia e o proletariado são classes opostas. A burguesia é dona dos meios de produção e o proletariado vende a sua força de trabalho. Os lucros da burguesia vêm da exploração da força de trabalho. Está aí por que não podemos conciliar com nossos inimigos de classe.

*Companheiros, nossa aliança é com a maioria explorada. Nosso método de luta é a ação direta (greves, ocupações, manifestações de rua etc).*

## 7º Congresso dos Metalúrgicos do ABC

Nesse congresso, aprovou-se o Acordo Coletivo Especial. Um instrumento por meio do qual os Comitês Sindicais de Empresa podem efetivar legalmente um acordo coletivo no âmbito da empresa. Um acordo de fábrica pode estar em contraposição às necessidades e luta do conjunto dos operários. É uma forma de evitar o movimento unido de toda classe pelas rei-

vindicações. Agora, os dirigentes sindicais procuram através de um projeto de lei torná-lo válido nacionalmente.

Como vemos, a burocracia sindical está prestes a impor a todo o movimento social essa atomização das lutas. Caberá ao movimento sindical lutar contra mais essa barreira.

## Em defesa da democracia operária e sindical

No início de novembro, os militantes do Partido Operário Revolucionário distribuíam o Boletim Nossa Classe na entrada da Mercedes Benz, em São Bernardo do Campo, quando tiveram os boletins arrancados das mãos e ameaçados por membros do sindicato, que se identificaram como pertencentes à comissão de fábrica. Sob ameaças de “cai fora daqui se não vai sobrar para vocês” e avisos de “sem a permissão do Sergio Nobre (presidente do sindicato) não vai distribuir isso não”, “tem de pedir autorização para o Sergio Nobre”, “vocês estão avisados” e “voltem para o movimentinho de vocês na USP” etc. Os militantes ainda tentaram recuperar os boletins, argumentando e perguntando: onde está a democracia sindical? Será que os operários precisam de alguém para dizer o que eles devem ou não ler?

O fato é que os ditos membros da comissão de fábrica se apropriaram do material do Partido Operário Revolucionário. Não admitem que sejam feitas críticas à sua política.

O Boletim Nossa Classe divulgava uma campanha sobre a necessidade de derrubar a lei anti-greve, que vem sendo utilizada pelo governo e pelos patrões para derrotar as greves. Trazia uma crítica à posição da direção do sindicato dos metalúrgicos de se submeter, em nome da defesa dos empregos, aos objetivos da Abimaq de criar um pólo tecnológico no ABC. Isso quando a crise econômica se aproxima, começa a cair a venda de carros e as montadoras ameaçam com as demissões. O boletim denunciava o ganssterismo no sindicato dos gráficos de São Paulo, onde a Força sindical invadiu a sede do sindicato para impedir que este se filiasse à CUT. Finalmente, o boletim fazia a defesa da democracia e da independência dos sindicatos.

*Companheiros, o autoritarismo desses sindicalistas que impedem a distribuição do Boletim Nossa Classe é oposto à democracia operária. A classe operária defende o direito de livre manifestação e expressão nas ruas, no sindicato e nas portas das fábricas.*

**Participe das reuniões da Corrente Proletária. Escreva para nós.**